

A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NA SALA DE AULA E A SUA IMPORTÂNCIA NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

Modalidade: ACERVO DE MEMÓRIAS¹

Cristina MATTOS

Licenciada em Ciências com Habilitação em Biologia pela Universidade do Estado da Bahia

E-mail: pinkandpink@bol.com.br

22

INTRODUÇÃO

O Estágio de Observação tem como objetivo analisar e avaliar a prática docente de um Professor de Biologia no Ensino Médio. Esta atividade é fundamental na discussão sobre como se estabelece a relação professor-aluno no contexto da sala de aula. Para melhor compreensão dessa relação, especifiquei como objetivos: Como a professora de Biologia lida com os conhecimentos prévios dos alunos? Como os alunos reagem à postura da professora diante da maneira como ela lida com os seus conhecimentos prévios e os seus erros?

Para a observação utilizei-me de dez aulas em três turmas do 1º Ano do Ensino Médio do Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães em Alagoinhas - BA, com quarenta e cinco alunos em média cada uma, no turno vespertino; a professora observada tem cerca de 40 anos, com mais ou menos 20 anos de prática docente. Como fundamentação teórica recorro a Becker (1995), Perrenoud (1999) e Morin (2000), que tratam do papel do professor e do papel do aluno no processo ensino-aprendizagem, das competências a serem desenvolvidas e dos princípios do conhecimento pertinente, respectivamente.

Optei pela Observação Direta da prática pedagógica da professora e o comportamento dos alunos. No período de Observação (13 a 20 de novembro de 2002), foram evidenciados os conteúdos sobre “Respiração e Fermentação” apresentados como problemas a serem resolvidos com os alunos, já que envolvem a interação entre os seres vivos e o meio ambiente, os quais sinalizaram para a relação de amizade e respeito mútuo, companheirismo e cumplicidade entre a docente e os alunos.

O conhecimento de Biologia foi abordado de forma clara e interdisciplinar, permitindo o levantamento e o julgamento de questões polêmicas como sugerem os Parâmetros Curriculares Nacionais de Biologia (1999). Para auxiliar no processo de Observação Direta, defini como metodologia assistência às aulas de Biologia, anotação das falas da Professora e dos alunos, estabelecendo uma comparação entre o comportamento das classes e da docente diante de cada uma delas.

FENÔMENO OBSERVADO

¹ Artigo sobre o Estágio de Observação, apresentado na disciplina EDC 958 – Metodologia de Ensino de Biologia, ministrada pela professora Valdecí dos Santos, no semestre 2002.2, na Universidade do Estado da Bahia / Campus II - Alagoinhas.

1- Turmas Observadas

As classes utilizadas nessa atividade de estágio de Observação foram do 1º Ano do Ensino Médio, do turno vespertino, do Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães, em Alagoinhas, sendo elas a 12V2, com 40 alunos; a 12V3, com 45 alunos; e a 12V4, com 45 alunos.

A 12V2 era uma turma calma, tranqüila, mais ou menos participativa durante as discussões e questionamentos e bastante interessada no estudo prévio dos conteúdos abordados.

A 12V3 aparentava ser uma turma bastante ativa; a conversa paralela chegava, porém a ser quase incontrolável, possivelmente caracterizando alunos muito agitados e pouco concentrados na atividade proposta.

A turma 12V4, supostamente desinteressada, também conversava paralelamente, com pouca atenção e participação durante o levantamento de questões.

2- Atividades Observadas

A Professora programou para as três classes a realização de um experimento sobre *Respiração e Fermentação*, com o objetivo de introduzir o conteúdo *Fotossíntese*. As turmas foram divididas em grupos, que receberam um roteiro para a experiência e para responderem as questões dirigidas dos processos observados.

Os alunos tiveram dificuldade na realização do experimento: alguns grupos não conseguiram reunir o material necessário, devido a uma má interpretação na leitura do roteiro. Por este motivo, a Professora modificou o seu planejamento, abordando logo o tema proposto, *Fotossíntese e Respiração*. Para isso, utilizou as maquetas das organelas citoplasmáticas, animal e vegetal, construídas pelos alunos, em grupo, como recursos e como motivação. Cada grupo fez um estudo prévio do conteúdo e levantou questões para discussão, sem, no entanto, utilizar a repetição, mas, sim, construindo uma nova leitura sobre o assunto.

RESULTADOS

A turma 12V2 mostrou-se muito interessada, construindo uma excelente leitura sobre *Fotossíntese e Respiração*, explicando muito bem a função das mitocôndrias e dos cloroplastos, utilizando as maquetes.

A turma 12V3 apresentou a sua leitura de maneira não muito clara, aparentando uma possível dificuldade em definir as funções das organelas citoplasmáticas responsáveis pela fotossíntese e pela respiração.

A turma 12V4 conseguiu realizar parte da experiência, apenas por um grupo. A partir daí, ao ser abordado o conteúdo propriamente dito, a turma, também, demonstrou uma suposta falta de interesse, uma leitura vaga do conteúdo e certa dificuldade em manusear as maquetes.

Em todos os grupos percebia-se a nítida manifestação de cansaço, estado letárgico típico de final de ano letivo, e da falta de motivação devido ao total médio de pontos para aprovação já ter sido alcançado, tornando o trabalho da Professora, para eles, aparentemente desnecessário e monótono.

DISCUSSÃO

Apesar de serem turmas da mesma série, havia uma diferença razoável entre as classes: a atenção, o interesse, a curiosidade e as competências mostravam-se bastante distintos, sem desconsiderar, é claro, a heterogeneidade delas.

A Professora, diante dos conhecimentos prévios e dos erros dos alunos, estava sempre atenta e os tratava com todo respeito. Quando erravam ou ignoravam um determinado assunto, conceito ou informação, ela refazia a fala, corrigindo-os ou informando-os, sem considerá-los incapazes; os conhecimentos prévios eram aproveitados e valorizados, sempre.

Erra o professor que supõe ser descartável o conhecimento que o educando traz consigo, resultado da sua leitura de mundo. Professora e educandos são indivíduos ativos em constante interação e a sua relação tem como essência o trabalho realizado em sala de aula e fora dela, considerando o contexto individual de cada um, suas diferenças e conflitos próprios e com a sociedade. Essa relação é o resultado de uma história de outras interações que serão compartilhadas na sala de aula, contribuindo para a formação de cidadãos críticos, produtivos e competentes. Piaget, Vygotsky e Not são autores que mostram como o processo de construção do conhecimento pode ser transformado de acordo o potencial e o limite de cada indivíduo (BARRETO, 1995).

A Professora tinha consciência da sua função mediadora do processo de socialização e formação do conhecimento e demonstrava isso cada vez que incentivava a leitura, alertando da sua importância como subsídio primordial para uma melhor capacitação, visando a concorrência no campo de trabalho, o aperfeiçoamento da linguagem, o enriquecimento de informações e a construção de conceitos. Ela estava sempre valorizando as descobertas dos alunos, levantando a sua auto-estima e motivando a compreensão das Ciências através de uma leitura de mundo cada vez mais específica. Validar uma pessoa é dar-lhe a certeza de que ela é real, verdadeira, que ela tem valor; cria-se, assim, um mundo menos consumista onde o ser deve ser mais importante do que o ter, exercitando uma nova competência: a validação. Ela, a Professora, sabia que o conhecimento deve ser construído pela ação do meio físico e social e pelo retorno ou repercussão desta ação.

Ao utilizar um experimento como recurso para introduzir o tema, a Professora propiciou condições aos alunos de obter uma visão de mundo, além da percepção do conhecimento prático, e da importância de se aproveitar os recursos naturais e de utilizar a tecnologia na construção do conhecimento de Biologia; partiu-se do geral para o específico, desenvolvendo a curiosidade e o gosto de aprender, efetivado pelo questionamento diante das dúvidas. Na verdade, os conhecimentos prévios foram os recursos reais: estavam disponíveis e em sintonia com o objetivo do experimento; o conteúdo seria transmitido a propósito de um problema, sem memorização de conteúdos. As competências almejadas passaram por um exercício de situação complexa. Fragmentar o conhecimento desvinculado da interdisciplinaridade causa um freqüente impedimento na operação do vínculo entre as partes e o todo e deve ser substituído por um modo de conhecimento capaz de apreender os objetos em seu contexto, sua complexidade, seu conjunto.

Ao adaptar seu planejamento à realidade das classes, não significa que a Professora estava utilizando-se do improviso da aula; ela demonstrou estar lidando seguramente com a regulação do processo ensino-aprendizagem e, conseqüentemente, com a construção de problemas de complexidade crescente. Estava, sem dúvida, fazendo uso da mais verdadeira característica de um

bom planejamento, a flexibilidade, o que exige do professor ser, também, flexível e estar preparado para tanto.

Incentivando a leitura e salientando a importância de ser competente para o campo de trabalho, a professora atentava para as competências e habilidades a serem desenvolvidas no Ensino Médio, mais especificamente em Biologia, divididas em atitudes de representar e comunicar, investigar e compreender, contextualizar a sociedade e a cultura.

Aproveitando o conhecimento trazido pelos educandos para o contexto da sala de aula a Professora demonstrou compreender a interação existente entre a práxis pedagógica e a construção do conhecimento, criando condições para que eles, os alunos, explorassem mais o seu potencial e as suas informações armazenadas, com possibilidade de intervirem no ambiente da sala e, conseqüentemente, em outros ambientes sociais.

Os educandos, em contrapartida, demonstraram um grande respeito e uma grande admiração pela pessoa da Professora, atentos aos seus conselhos e sugestões para a vida. estavam, de certa forma, sempre prontos a questioná-la, ajudando-a alcançar um melhor resultado no trabalho, mesmo que o que estivesse vislumbrando como o certo, não existisse na prática da sala de aula.

Sabe-se que a sala de aula é o espaço disponível para a interação entre professor e aluno acontecer. E, não é possível que ao professor não ter consciência de que é pelo seu trabalho que se forma uma mentalidade de gerações que só têm como opção a Escola como opção de educação sistemática. Barreto (1995) chama a atenção para isso em seu texto:

Na verdade, nunca é demais colocar que a relação professor-aluno não pode ser deslocada do contexto onde se manifesta mais sistematicamente: a sala de aula. Está claro, também, que neste espaço existe entre alunos e professores um jogo de expectativas relativas ao respectivo desempenho, tanto em relação ao conhecimento quanto a modos de agir, ou seja, tanto em relação ao conteúdo como em relação à forma que assume o processo de ensino-aprendizagem.

CONCLUSÃO

Todas as ações humanas exigem algum tipo de conhecimento, seja eles superficiais ou profundos, pessoais ou do senso comum, de especialistas ou de pesquisas, da tecnologia ou da ciência. Quanto mais forem complexas, abstratas, sistemáticas tais ações, mais avançado, aperfeiçoado, organizado e confiável será o conhecimento. Cabe à Escola, junto ao trabalho do professor, desenvolver competências para a compreensão de um conhecimento profundo. E, é na relação professor-aluno, estabelecida no contexto da sala de aula que se encontram os verdadeiros pilares para a formação do conhecimento.

Possivelmente, na relação professor-aluno, numa construção/(dês)construção/(re)construção dinâmica, cada um deve reconhecer o seu papel e a sua função no processo de ensino e de aprendizagem, estabelecendo uma troca constante, concreta e confiável, considerando os valores de cada um no momento do ensinar e do aprender, do dar e do receber, do ser e do estar, do fazer e do refazer, sem esquecer-se, nunca, de validar o outro, aproveitando todo o saber possível na formação do conhecimento.

Faz-se necessário que exemplos como os citados nessa pesquisa sejam mais estudados e divulgados, permitindo, assim, aos docentes, uma reflexão sobre a sua prática pedagógica e a relação com seu aluno em sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Ana Leda Vieira. A dinâmica da sala de aula e a relação professor-aluno. CEAP, Revista de Educação, n. 10.

BECKER, Fernando. **A epistemologia do professor: o cotidiano da escola**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio: ciências da natureza, matemática e suas tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 1999.

KANITZ, Stephen. O poder da validação. Revista Veja, 20 de junho, 2001, p. 22.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes essenciais à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

PERRENOUD, Philippe. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

Como citar:

MATTOS, Cristina. A relação professor-aluno na sala de aula e a sua importância no processo ensino-aprendizagem. In: **Revista Metáfora Educacional** (ISSN 1809-2705) – versão *on-line*, n. 2 (jul. - dez. 2005), Feira de Santana, dez./2005. p. 22-26. Disponível em: <<http://www.valdeci.bio.br/revista.html>>. Acesso em: DIA mês ANO.